

RESENHA

A Herança Imaterial

Fernanda Ben*

A obra de Giovanni Levi¹ *A Herança Imaterial* nos põe em contato com uma perspectiva de abordagem e de entendimento da problemática descrita, de uma forma muito estratégica e ousada, eu diria. Resenhar uma obra como esta, além de tentador, é em parte difícil, pois se trata de uma trama de relações muito bem trabalhadas e tecidas pelo autor. Partimos da síntese do assunto abordado no texto, pois julgamos que assim seja mais compreensível a problemática proposta. Esta obra trata de uma biografia, mas não no 'sentido literal da expressão', pois a mesma está mais determinada a compreender "a relação entre normas e práticas, entre indivíduos e grupos, entre determinismo e liberdade, ou ainda entre racionalidade absoluta e racionalidade limitada" (LEVI, 1996, p.179). Assim, apesar de o texto estar centrado numa história de vida, o autor enfatiza, no cenário social onde residia o padre Chiesa, as condições e os contextos nos quais estavam inseridos os membros da comunidade de Santena, uma pequena vila localizada no Estado do Piemonte na Itália do século XVII. A escolha do individual – o padre exorcista Chiesa – "[...] permite destacar ao longo de um destino específico – o destino de um homem, de uma comunidade, de uma obra – a complexa rede de relações, a multiplicidade dos espaços e dos tempos nos quais se inscreve" (LEVI, 2000, p. 17).

O primeiro capítulo versa sobre a trajetória de vida do vigário da vila Giovan Batista Chiesa e suas andanças como exorcista e apaziguador dos 'males do espírito', nos vilarejos do Piemonte. A análise do caderno de anotações das pregações do padre Chiesa conduziu o autor à amostragem de "problemas complexos que diziam respeito à orientação cognitiva, a explicações causais e ao comportamento psicológico em relação ao sagrado, à autoridade e a crise

social, econômica e demográfica” (LEVI, 2000, p. 48) que estavam ocorrendo naquela localidade. Nessa descrição, Levi consegue demonstrar quais eram as dificuldades, os problemas e, em geral, as tensões que estavam sendo experimentadas pelos moradores de Santena e de todo o Piemonte, em ocasião da guerra entre Itália e França, e da política de centralização do Estado Moderno.

No segundo e terceiro capítulos o exorcista sai de cena, e o autor apresenta o cenário onde aconteciam as estratégias familiares, os códigos de convivência e comportamento em relação à terra e sua comercialização, em função dos costumes e das práticas de sobrevivência da comunidade. Ele exemplifica destacando a experiência de três famílias, estudadas rigorosamente em suas respectivas relações e táticas de sobrevivência no ambiente caracterizado pela incerteza e insegurança do período. O autor consegue “descrever algumas das características fundamentais de uma cultura, seus valores e seus comportamentos gerais e modais” (LEVI, 2000, p. 48). Nos traços culturais dos moradores de Santena o autor analisa não somente o funcionamento concreto das transações econômicas, com base na dinâmica social da cidade, mas, acima de tudo, o peso das relações interpessoais que caracterizavam o grupo social.

No transcorrer do quarto capítulo Levi apresenta o modo como a comunidade presenciou – viveu – a crise geral do sistema feudal, diante da consolidação do Estado Moderno e “suas novas instituições”. Nesse contexto, ele consegue perceber que o pai do exorcista, Giulio Cesare Chiesa, juiz e tabelião de Santena, estabeleceu um papel político como mediador das ocorrências da localidade, que estava em estado de inquietação, “continuamente quebrada e reconstruída em um conflito jurisdicional no qual os senhores, a monarquia, a cidade, a aldeia, os tabeliões e os camponeses expõem suas exigências, estratégias e vontades diversas” (LEVI, 2000, p. 48). “A herança imaterial” seria o ‘legado’ que o pai de Giovan B. Chiesa deixou para o filho na comunidade de Santena. Uma herança imaterial porque esse pai não transmitiu ao filho uma herança capital, bens, imóveis ou coisa assim. “Seu capital foi constituído por uma espécie de crédito generalizado afetivo sobre a comunida-

de, feito de serviços prestados, de fidelidade reconhecida, de respeito e de dependência. É ao pé da letra imaterial” (LEVI, 2000, p. 32-33). Ele estabeleceu na comunidade uma rede de relações e solidariedade no período em que foi requisitado, para mediar o conflito sociopolítico que atingia a comunidade de Santena, bem como todo o Piemonte em meados do século XVII. O pai do exorcista foi transformado em uma espécie de ‘faz-tudo’, uma pessoa que resolvia os problemas da comunidade, conhecido e respeitado por todos. Giulio Cesare Chiesa torna-se uma qualidade de chefe do vilarejo, o “primeiro dos notários”.

Quando o autor apresenta o quarto capítulo, percebemos a postura de Giovan Batista Chiesa, o exorcista, assumindo um caráter diverso. Ele também, como vigário da paróquia de Santena, se apropria do prestígio do pai – a “herança imaterial”: procurava com as suas pregações intermediar e prever o futuro próximo das pessoas, naquele ambiente de mudanças que estavam acontecendo. Além de assegurar sua “herança material”, através da cobrança e do uso da Igreja para arrecadar recursos individuais, Chiesa em suas pregações permitiu “que aqueles camponeses, em plena fúria de guerra, se organizassem a partir de uma crença e de um personagem ambíguo que lhes dava a possibilidade de agir” (LEVI, 2000, p. 49). Dessa forma, a legitimidade das pregações e das ações de Chiesa só foi oportuna, uma vez que, para o momento, convinha saber algo sobre o futuro particularmente incerto em que estavam inseridas aquelas famílias.

No sexto capítulo e no transcorrer do texto foi possível visualizar as estratégias individuais, os jogos de poder em que estavam envolvidos os membros da comunidade de Santena. Diante das transformações que vinham ocorrendo no século XVII, Giovanni Levi consegue demonstrar, nesse cenário de mudanças históricas, os problemas colocados “pelas crenças e ideologias e pelas relações de domínio e autoridade”, destacando “a instabilidade das preferências individuais, das ordens institucionais, das hierarquias e dos valores sociais” (LEVI, 2000, p. 32). Com a análise da trajetória de vida do padre Chiesa, o autor pretende ‘ir além disso’, ou seja, per-

ceber num vilarejo “onde aparentemente nada há, não é uma revolta aberta, nem uma crise definitiva, uma heresia profunda, ou uma inovação extraordinária, e sim a vida política, as relações sociais, as regras econômicas e as reações psicológicas de uma cidadezinha comum” (LEVI, 2000, p. 25).

Amparada nessa realidade, a obra representa a tentativa incessante de pôr em prática a abordagem histórico-social, numa perspectiva micro-analítica. Para Carlo Ginzburg e Carlo Poni, citados por Jacques Revel:

A análise micro-histórica tem portanto duas faces. Usada em pequena escala, torna muitas vezes possível uma reconstituição do vivido inacessível às outras abordagens historiográficas. Propõe-se, por outro lado, a identificar as estruturas invisíveis segundo as quais esse vivido se articula. A micro-história permite estudar o social não como um objeto dotado de propriedades, mas sim como um conjunto de inter-relações móveis dentro de configurações em constante adaptação (Apud REVEL in LEVI, 2000, p. 17).

Esse movimento foi iniciado nos anos setenta na Itália, por um grupo de historiadores, em volta dos *Quaderni Storici*.² Portanto, essa obra representa parte da inquietação dos historiadores italianos que perceberam “um achatamento da pesquisa, refletindo muito pouco sobre as articulações internas da realidade histórica” (REVEL in LEVI, 2000, p. 15). A *Herança Imaterial* foi publicada na coleção ‘*Microstorie*’, que Giovanni Levi dirigiu com Carlo Ginzburg desde 1980, na editora turiniense Einaudi. A obra nasceu no âmbito das discussões em torno da perspectiva de abordagem micro-histórica, que surgiu:

[...] a partir de uma série de propostas enunciadas [...] por um grupo de historiadores italianos dedicados a empreitadas comuns. Não constitui absolutamente uma técnica, menos ainda uma disciplina, ao contrário do que por vezes tentou-se fazer dela: uma opinião historiográfica ávida ao mesmo tempo de novidades e de certezas (REVEL in LEVI, 2000, p. 8).

Essa nova forma de abordagem dos cenários e personagens históricos foi proposta no sentido de demonstrar “uma reação a um momento específico da história social, da qual propõe reformular certas exigências e procedimentos” (REVEL in LEVI, 2000, p. 8) que dizem respeito ao fazer historiográfico. Nesse sentido, Levi apresenta no transcorrer da obra, através da análise das fontes,³ a possível realidade em que viviam os moradores de Santena em suas relações mais intensas, como “a multiplicidade de vendas e compras de terra, o movimento incessante, porém mais difícil de acompanhar o crédito; o destino coletivo dos conjuntos familiares com seus ganhadores e perdedores, a luta pelo prestígio e pelo poder local [...]” (REVEL in LEVI, 2000, p. 9).

Aprecio a obra como muito relevante, no sentido de apresentar uma nova forma de observação e abordagem da problemática de pesquisa, que está centrada na análise “micro”, mas que não deixa de ser “macro”, com a particularidade de perceber a dinâmica das relações individuais e familiares do vilarejo, representando assim sua singularidade. A obra tem muito a contribuir e nos induz a formular outras e novas perguntas, seja para um objeto de investigação que se esteja apreendendo, ou que venha a ser estudado.

Referencial Bibliográfico

LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. A herança imaterial: a trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Prefácio Jacques Revel. Trad. Cintya Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Henrique E. Microstoria: escalas, indícios e singularidades. 2002. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

Notas

* Mestranda em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina.

¹ Giovanni Levi nasceu em Milão em 1939. Formou-se em História pela Universidade de Turim no início da década de sessenta. Foi professor dessa mesma Universidade, co-orientador da revista *Quaderni Storici*, consultor da Editora Rosenberg & Sellier e diretor, juntamente com Carlo Ginzburg e Simona Cerutti, da coleção *Microstoria* entre 1981 e 1991. Atualmente é professor de História Econômica na Universidade de Veneza, onde preside a Faculdade de Letras e Filosofia (LIMA, 2002, p. 120-133).

² Revista de História que teve seu primeiro número impresso em 1969 na Itália. A partir de meados da década de setenta, a revista começa a apresentar uma nova tendência de estudos e pesquisas que apresentava uma história local 'de tipo novo' (Cf. LIMA, 2002).

³ As fontes utilizadas pelo autor foram as seguintes: dados sobre os preços ou a renda, os níveis de fortuna e das distribuições profissionais; registros de casamentos, falecimentos, batizados e nascimentos; assinaturas contadas nos atos notariais; documentos do Estado civil; testamentos e outros documentos que permitiram reconstruir a trajetória de vida daquele grupo social.